Classes e Movimentos Sociais

A disciplina sobre classe e movimentos sociais tem como principal escopo a compreensão das forças e tensões presentes na sociedade, seja no campo econômico, cultural ou social. Por meio de autores que propõem debates sociológicos e historiográficos, pretendemos expor os campos teóricos nos quais os conceitos e as representações sobre as classes e movimentos sociais se consolidaram. À luz desses estudos é possível tecer análises e tornar o mundo real inteligível sociologicamente.

Para o discente de Ciências Sociais, compreender o campo epistemológico que trata do tema é fundamental à medida que o cientista social ou professor de sociologia precisa dominar o campo teórico no qual pretende atuar, como também ter a capacidade crítica de reflexão sobre a sociedade por meio dos instrumentos próprios do campo de pesquisa. Assim, a disciplina classe e movimentos sociais pode e deve contribuir para a prática de licenciatura, sem separar teoria e prática, permitindo aos discentes elaborar e problematizar a realidade na qual vão atuar, com base em conhecimento científico.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Objetivos

Ao final desta disciplina, você deverá ser capaz de:

- Discutir os conceitos de sociedade civil, classe social e classe operária formados a partir dos séculos XVIII e XIX.
- Historicizar a formação da sociedade capitalista e os embates entre as classes sociais.
- Identificar as teorias que fundamentam as discussões sobre os movimentos sociais.
- Compreender a formação dos movimentos sociais no Brasil e seus desdobramentos na contemporaneidade.

Conteúdo Programático

Esta disciplina está organizada de acordo com as seguintes unidades:

- Unidade 1 – **Perspectivas teóricas e conceituais sobre classes sociais e sociedade civil**
- Unidade 2 – **O Estado capitalista e a luta de classes**
- Unidade 3 – **Teorias sobre movimentos sociais**
- Unidade 4 – **Movimentos sociais e as lutas sociais no cenário contemporâneo e suas relações com as opressões de classe, gênero e raça/etnia**

Autoria

Erica da Silva Xavier

Doutoranda em Educação pelo programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina – UEL (PR). Mestre em História Social pela mesma instituição. Formada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – Uenp. Tem experiência profissional em ensino superior na UEL, atuando por seis anos como professora colaboradora. Participação como pesquisadora em grupos registrados no diretório de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES. Tem artigos publicados, capítulos e participação em organização de livros. Experiência profissional na Educação Básica da rede estadual e privada de ensino do Paraná.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Perspectivas teóricas e conceituais sobre classes sociais e sociedade civil

Nesta unidade serão abordados conceitos e conteúdos importantes para a compreensão acerca dos diferentes significados em torno da sociedade civil e da formulação conceitual de classe, como a formação e consolidação do movimento operário. Tais conceitos podem ser considerados interseccionais, pois, à medida que as classes sociais foram se formando e se organizando em prol de um ideal comum, como a superação da exploração e dominação capitalista, passaram a atuar no seio da sociedade civil.

Na atualidade, podemos compreender sociedade civil como aqueles que participam da vida em sociedade como cidadãos, que podem atuar diretamente ou ser representados por grupos, classes, movimentos e instituições que agem para tensionar e influenciar decisões de governo, agir contra impunidade de mercado e relações de trabalho, entre outros aspectos. Assim, a unidade apresenta as discussões que formaram o conceito de sociedade civil, a compreensão da formulação do conceito de classe em Karl Marx e a apresentação da formação da classe operária. A formação das classes operárias demonstraram, sobretudo, a organização dos trabalhadores na busca por direitos e condições de trabalho favoráveis, contra o sistema de exploração.

Objetivo

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Discutir os conceitos de sociedade civil, classe social e classe operária formados a partir dos séculos XVIII e XIX.

Conteúdo Programático

Esta unidade está organizada de acordo com os seguintes temas:

- Tema 1 - **Introdução ao conceito de sociedade civil e o campo teórico**
- Tema 2 - **Classe social em Marx**
- Tema 3 - **A formação da classe operária**

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Fonte: Site da exposição (2022).

Visite o site da exposição on-line, ***Resistir é preciso***, criada pelo Instituto Vladimir Herzog, que apresenta fragmentos da história de luta e resistência da imprensa durante o período da ditadura civil militar (1964-1985). Nela, é possível encontrar cartazes, reportagens, zines, entre outros recursos que circularam pela sociedade civil na época como forma de mobilizar grupos e classes sociais em um grande movimento para a luta contra a violência e a repressão impostas pela ditadura. A sociedade civil brasileira, unida em torno do princípio de liberdade, atuou diretamente na deslegitimação do governo militar, demonstrando a importância e a força dos movimentos sociais e instituições para restituir a democracia.

Saiba mais
Acesse: **Exposição "Resistir é Preciso..."**

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Tema 1

Introdução ao conceito de sociedade civil e o campo teórico

Como o conhecimento do campo teórico permite compreender o conceito de sociedade civil?

Nesta aula compreenderemos o que significa sociedade civil e quais foram as bases teóricas surgidas na modernidade que vêm definindo tal conceito. É importante perceber que conceitos são formulados com bases em discussões entre especialistas e pensadores de diversas áreas, em diversos períodos históricos, em geral estabelecidos principalmente no campo das ciências sociais.

O que podemos entender como sociedade civil?

Usualmente, são associações, grupos políticos, movimentos sociais, entre outros, que atuam na sociedade tensionando as autoridades e governos na tomada de decisões. Não se trata de órgãos que tomam decisões, mas que, por meio de deliberações e ações coletivas, influenciam as decisões políticas.

Artistas protestam contra o governo militar

Fonte: Wikimedia (2022).

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Um bom exemplo a ser citado sobre a sociedade civil organizada foi o período da ditadura civil militar no Brasil (1964-1985), quando diversos grupos religiosos, artísticos, jornalísticos, associações como Ordem do Advogados do Brasil, Sindicatos de trabalhadores, universidades, movimento estudantil, movimento negro, entre outros, se organizaram em grandes protestos contra a situação política do Brasil, deslegitimando o governo ditatorial e contribuindo para o retorno à democracia.

Histórico do conceito moderno de sociedade civil

O conceito moderno de sociedade civil começou a ser desenvolvido entre os séculos XVII, XVIII e XIX por pensadores
como **Hobbes**, **Locke**, **Rousseau**, **Ferguson**, **Smith**, **Kant**, **Hegel**, **Tocqueville**, **Marx** , **Montesquieu**, **Hume**, **Gramsci**, **Arato** e **Cohen**, entre outros.

Saiba mais

- **Thomas Hobbes** (1588-1679), filósofo e teórico político inglês.
- **John Locke** (1632-1704) foi um filósofo inglês.
- **Jean Jacques Rousseau** (1712-1788), filósofo contratualista e teórico político genebrino.
- **Adam Ferguson** (1723-1816), filósofo e historiador racionalista escocês.
- **Adam Smith** (1723-1790), filósofo e economista escocês.
- **Immanuel Kant** (1724-1804), filósofo Alemão.
- **Friedrich Hegel** (1770-1831), filósofo e historiador alemão.
- **Alexis de Tocqueville** (1805-1859), filósofo, teórico político e escritor francês.
- **Karl Marx** (1818-1883), filósofo, economista, jornalista, sociólogo, historiador e revolucionário socialista alemão.
- **Charles-Louis de Secondat, Barão de La Brède e de Montesquieu** (1689-1755), político, filósofo e escritor francês.
- **David Hume** (1711-1776) foi um filósofo, historiador, ensaísta e diplomata escocês.
- **Antonio Gramsci** (1891-1937) foi um ativista político, jornalista e intelectual italiano, um dos fundadores do Partido Comunista da Itália.
- **Andrew Arato** é professor de teoria política e social no Departamento de Sociologia da The New School, EUA.
- **Jean Louise Cohen** é cientista política, professora da Universidade de Colombia, EUA.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Observação
Montesquieu foi um dos mais importantes cientistas políticos de sua época. Sua famosa obra, Espírito das Leis, deu origem à teoria da divisão dos três poderes: executivo, legislativo e judiciário.

As primeiras teorias foram elaboradas pelos pensadores Hobbes, Rousseau e Ferguson, que percebiam a sociedade civil como sinônimo de Estado e estiveram preocupados em “examinar as condições sob as quais os seres humanos poderiam escapar do Estado de natureza e entrar em uma forma contratual de governo baseada na regra da lei, isto é, em uma sociedade civil” (RAMOS, 2005, p. 77).

Nota
Isso quer dizer que a ideia de sociedade civil buscava a superação do Estado de “barbárie”, da guerra e conflitos existentes, tratando de pensar uma sociedade com garantias de formas “civilizadas” para resolver as questões — e é assim que surge a ideia de **contrato social**.

Aqui, vale contextualizar historicamente essas questões, relacionando a formação do conceito de sociedade civil ao **movimento iluminista** nos séculos XVIII e XIX e ao fim do antigo regime europeu. É importante entender que, no antigo regime, a burguesia detinha o poder econômico, mas não desfrutava dos mesmos privilégios nem tinha ampla participação política e tampouco vivia em meio ao luxo, como a realeza, o clero e a nobreza. A população, por sua vez, era miserável. Além disso, quem pensava diferente daqueles que estavam no poder eram perseguidos politicamente. Dessa forma, os poderes instituídos com esse sistema, principalmente em relação ao Estado e à Igreja, começaram a ser questionados pelos burgueses, que criticavam a estrutura social e política vigente.

Saiba mais

Iluminismo

Movimento assim denominado por se contrapor à ideia de obscuridade intelectual ligada à chamada Idade Média. Tratou-se de um movimento intelectual e cultural da elite europeia, que, apoiado pela burguesia, questionava as estruturas do antigo regime. O auge do iluminismo foi o século XVIII e, embora, haja muitas divergências entre os pensadores acerca da delimitação desse movimento, o acordo se dá nas características de ênfase na razão e de desenvolvimento do pensamento autônomo, ou seja, para os iluministas, somente a razão traria a liberdade.

Os intelectuais iluministas defendiam a ideia de liberdade em diversos aspectos, que contrariavam os interesses da nobreza. Veja quais são esses aspectos e suas propriedades.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Liberdade econômica

Contra as imposições mercantilistas e absolutistas, muitos pensadores acreditavam que o melhor seria a **liberdade econômica**, ou seja, de acordo com eles, o Estado não deveria interferir na economia, de modo que todos poderiam negociar livremente e ter a possibilidade de enriquecer.

Liberdade de expressão e religiosa

A **liberdade de expressão e religiosa** previa que todos deveriam ter liberdade de crer e se expressar sem a imposição de instituições como a Igreja Católica.

Liberdade de participação política

A ideia de **liberdade de participação política** contrariava a estrutura social da época, que privilegiava a nobreza. No entanto, no período não era defendida a participação plena da população e das camadas mais baixas da sociedade europeia nas questões políticas, mas somente da burguesia.

Observação
Segundo o historiador Eric Hobsbawm (1988), não era defendida uma participação plena de todos os cidadãos, principalmente das camadas mais baixas, mas somente da burguesia.

Assim o conceito de sociedade civil foi delineado: inicialmente, pensando somente a classe burguesa até chegar ao entendimento atual, que considera a sociedade civil referente aos cidadãos e suas organizações, de todas as classes sociais.

A seguir, apresentaremos os autores clássicos do Iluminismo europeu, cujos estudos delinearam o conceito de sociedade civil.

Clique nas abas e conheça as ideias centrais de Thomas Hobbes, John Locke, Jean Jaques Rousseau, Ferguson e Smith e Karl Marx.

Thomas Hobbes – Estado de natureza x sociedade civil

Segundo Losekann e Balestrin (2010), Thomas Hobbes pode ser considerado o pai fundador do conceito de sociedade civil, para quem a condição humana, fora da sociedade civil, era a barbárie. Para o pensador, havia separação entre o estado da natureza e a sociedade civil, de modo que na sociedade civil o sujeito era socialmente educado e contratualmente obrigado a seguir regras e leis.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Capa do livro *Leviatã*, de 1651.
Fonte: Wikimedia (2022).

Na sua famosa obra, **Leviatã**, Hobbes traz a ideia de “contrato e organização social” em contraposição ao estado natural das coisas e dos homens. Confira, no trecho a seguir, a visão de Hobbes a respeito dessa contraposição:

“No caso, a *societas civilis* era o próprio Estado Civil que governaria igualmente pelas leis civis: “fora dele (do governo civil), assistimos ao domínio das paixões, da guerra, do medo, da miséria, da imundície, da solidão, da barbárie, da ignorância, da crueldade; nele, o domínio da razão, da paz, da segurança, das riquezas, da decência, da sociedade, da elegância, das ciências e da benevolência.””

(HOBBES *apud* BALESTRIN, LOSEKANN, 2010)

Para Hobbes, a questão da propriedade privada estava no centro das discussões e seu o pensamento em torno da ideia de sociedade civil foi fundamental e influenciou outros intelectuais, como John Locke e Rousseau.

John Locke – Propriedade privada e sociedade civil

John Locke seguiu na esteira das problemáticas colocadas por Hobbes a respeito da organização social e também contribuiu para a formulação moderna do conceito de sociedade civil. Para o filósofo, a organização da sociedade civil estava, principalmente, relacionada à propriedade privada, o que deu as bases para, no futuro, pensar a sociedade organizada dentro do sistema capitalista. Para alguns, Locke foi a pedra angular para o surgimento do **Liberalismo econômico**, como podemos ver no trecho a seguir:

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

> “Na verdade, o relacionamento de Locke com a propriedade privada aponta para outro fato, a saber, a relação deste autor com uma sociedade que começa a ser transformada pelo capitalismo agrário, mudanças estas que se encontram expressas em seu pensamento. É importante destacar que foi precisamente esta transformação social que encorajou a identificação da sociedade civil com a categoria analítica e prática da economia nas décadas seguintes.”
>
> (RAMOS, 2005, p. 78)

Foi com Locke que a palavra “civilidade”, entendida como um “estado de espírito” (no sentido, da essência de uma época), entra em vigor.

Importante!
É importante considerar que os conceitos de “civilização” e “civilidade” surgem justamente com o movimento iluminista, que tinha como parâmetro a sociedade europeia. São dos séculos XVIII e XIX as teorias que firmaram a supremacia branca europeia frente às demais, o que causou hierarquização entre raças e culturas, percebidas até hoje. As considerações de Locke sobre as Américas, por exemplo, equivaleram à elaboração de suas teses entre o estado natural e o estado selvagem. No século XVIII, a ideia de civilização, de civilidade, ligava-se a estágios de evolução, no qual o Ocidente era o centro.

A sociedade civil, portanto, seria a síntese da domesticação dos instintos inerentemente selvagens do ser humano, catalisada pelo monopólio estatal da violência (BALESTRIN; LOSEKANN, 2010, p. 187).

Jean Jacques Rousseau – Contrato social e sociedade civil

Capa do livro *Do contrato social*, de 1762.
Fonte: Wikimedia (2022).

Para Jean Jacques Rousseau, a sociedade corrompe o homem, que nasce bom. A criação da propriedade privada particular teria formado uma sociedade desigual e dado origem aos conflitos entre os homens por ambição e ganância. Para o filósofo, o homem passaria do homem natural (homem selvagem) ao homem civilizado.

Essas questões estão em sua obra **O Contrato Social** (1762), na qual defende que espécies de acordos (ou contratos) entre os homens seriam necessários para estabelecer a vida em sociedade. Assim, a vontade do povo seria soberana, e o desejo da maioria deveria prevalecer.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Ferguson e Smith – Sociedade civil econômica

Para Ferguson e Smith, representantes da corrente do Iluminismo escocês, a sociedade civil está intimamente ligada à sociedade capitalista. São autores que embasam sobretudo as teorias liberalistas, de livre mercado. Para Smith e Ferguson, somente a divisão do trabalho e a extensão do comércio poderiam gerar estabilidade e prosperidade, características fundamentais da sociedade civil. Os autores descolocaram os debates da sociedade civil, que até então era pensada apenas por um viés político, para um sentido de sociedade civil econômica.

Karl Marx – Luta de classes e sociedade civil

Outro pensador muito importante, já do século XIX, foi Karl Marx, para quem a sociedade civil estava baseada principalmente na luta de classes, de modo que, para analisarmos a sociedade civil, era necessário perceber a esfera de produção e seu caráter histórico como limiar da modernidade. Marx foi um dos principais críticos do sistema capitalista, desenvolvendo o método que ficou conhecido como "materialismo dialético", que consiste em analisar a história em diversos períodos, observando as mudanças, por meio das formas de produção e reprodução econômica e das desigualdades sociais, assim como sua superação.

Nota
Hobbes, Locke e Rousseau têm em comum o objeto da ideia de oposição entre o sujeito em seu estado social e em estado natural. Seus estudos versam sobre o lugar do indivíduo na sociedade e a propriedade privada.

Até aqui, apresentamos autores clássicos do Iluminismo europeu que contribuíram para a formulação do conceito de sociedade civil. Podemos dizer que a todos era comum a ideia de que esse conceito estaria ligado principalmente às seguintes ideias:

- O Estado.
- A civilidade.
- A propriedade privada.

Vale lembrar: ainda que tenhamos apresentado somente esses seis autores, não quer dizer que o debate nos períodos dos séculos XVIII e XIX se encerram nestes pensadores. Ao contrário, há diversos autores que, dado o nosso tempo hábil, não conseguiríamos esgotar neste período.

Leitura
Para aprofundar seu conhecimento acerca dos autores Tocqueville, Hume e Montesquieu, acesse:

- **Aléxis de Tocqueville (1805/1859) – a recuperação do ideal democrático.**
- **David Hume: principais ideias, frases e obras.**
- **O espírito das leis – obra completa.**

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

A partir do século XX até a atualidade, algumas correntes teóricas passaram a pensar a sociedade civil, principalmente, como algo deslocado do Estado. Em outras palavras, começa-se a entender a sociedade civil como organizações política e ideologicamente independentes, diferentemente do que pensavam seus antecessores.

Estas correntes são conhecidas pelas seguintes matrizes:

- Neoliberal.
- Habermasiana.
- Gramsciana.

A seguir, apresentaremos cada uma delas de forma mais detalhada.

Corrente Neoliberal

Adam Smith.
Fonte: Wikimedia (2022).

As correntes que pensam a sociedade civil a partir das matrizes neoliberais têm seu principal fundamento na ideia de **livre mercado**, estabelecida principalmente por Adam Smith.

Segundo Ramos (2005), na visão neoliberal da sociedade civil seu sentido está no Estado, no mercado e na família (enquanto esfera privada da vida). Nessa abordagem, a sociedade civil não é lugar de emancipação, mas de estabilidade, de provisão, confiança e responsabilidade social.

É com base nesses preceitos que se percebe a sociedade civil como o Terceiro Setor: com a formação de associações e ONGs para gerir e suprir necessidades sociais, isentando o Estado ou tornando sua responsabilidade mínima.

Essa matriz preconiza os itens listados a seguir.

Separação e autonomização entre Estado, mercado e sociedade civil (Terceiro Setor)

O Terceiro Setor reúne grupos e instituições privadas não governamentais e sem objetivo de lucro.

Identificação de ONG como movimento social

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Nesse caso, as ONGs são vistas a partir da ideia de movimentos sociais que se organizam, geralmente contribuindo para uma causa social.

Construção de parcerias com o Estado

É o caso das ONGs que, em parceria com o Estado, executam determinadas funções.

Crise fiscal do Estado

Trata-se das dificuldades ou impossibilidades de o Estado atender às demandas de vários setores da economia.

Corrente habermasiana

A corrente de matriz habermasiana é uma referência ao filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, que não discutiu a sociedade civil em si, mas trouxe a teoria da **ação comunicativa**. Habermas é um representante da chamada **Escola de Frankfurt**.

Nota
A Escola de Frankfurt foi uma organização de intelectuais alemães que trataram de fazer uma espécie de revisionismo das teorias marxistas para o século XX. Partiam do princípio de que o entendimento unicamente da esfera do trabalho como força motora da evolução social acabava reduzindo o próprio “mundo da vida” — expressão utilizada por Habermas.

Para o autor, a linguagem — e não o trabalho — produz consenso a partir do ato comunicativo. Sobre este princípio, leia o trecho a seguir:

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

"O mundo da vida é o pano de fundo de toda a interação social; é o lugar transcendental – fundante, não fundado – onde se desenvolve a intersubjetividade, constitutiva do ser social. Ele contém as interpretações acumuladas das gerações passadas e é feita de significados. É transmitida, alterada e reproduzida via comunicação, sendo a linguagem e a cultura – e não o trabalho – seus aspectos basilares."

(CHAMBERS, 2002; ARATO & COHEN, 1994 *apud* RAMOS, 2005)

Com base no pensamento de Habermas, que percebe o ato comunicativo como produtor de ações e táticas ofensivas contra o sistema, autores como Arato & Cohen fizeram apropriações de modo a pensar a sociedade civil como o mundo da vida, como instrumento político e econômico ofensivo, limitador do Estado e do mercado.

Confira aqui a colocação dos autores Losekann e Balestrin (2010) ao analisarem as apropriações de Habermas por Arato & Cohen, pensando a sociedade civil:

" Não são somente as instituições que fornecem a unidade de um mundo da vida. Toda a rede linguística e cultural de tradições é fonte para a condição institucional. A esfera pública, a comunicação e as associações são fundamentais e centrais na sociedade civil, mas o aspecto privado, em que os indivíduos criam suas identidades e seus juízos autônomos, também o é. Assim, outra formulação de Habermas, a de "ação comunicativa", dá condições para existência de uma sociedade civil moderna na qual, por meio da prática discursiva e da racionalização do mundo da vida, podem-se questionar normas e alterar padrões sociais."

(BALESTRIN; LOSEKANN, 2010, p. 190)

Nessa perspectiva de análise, os sujeitos, capazes de se organizar e criar associações por meio do ato comunicativo, tornariam possíveis uma condição de autonomia dos sujeitos, ao mesmo tempo que partilham os mesmos projetos em comum. Assim, temos as associações e instituições que requerem interação comunicativa para sua produção e reprodução, confiando no processo de integração social.

Para Arato e Cohen, a sociedade civil se torna autônoma quando retira suas normas de seu próprio cotidiano, do "mundo da vida", produzidas e reproduzidas pelos atos comunicativos.

Corrente gramsciana

Essa corrente é inspirada nas ideias de Antônio Sebastiano Francesco Gramsci, que foi um filósofo marxista, jornalista, crítico literário, linguista, historiador e político italiano. Gramsci teceu suas análises a partir do fundamento marxista; portanto, a luta

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

de classes, assim como as questões do trabalho e da dominação capitalista foram centrais em suas obras.

Gramsci propôs pensar o Estado como um sustentáculo do sistema capitalista, por proteger ideologias e interesses burgueses. Assim, ele ampliou as teorias marxistas ao pensar a dominação cultural como imposição hegemônica.

Gramsci ampliou as teorias marxistas que dizem respeito à sociedade civil. Entenda, no trecho a seguir, a perspectiva do autor para esse conceito:

" De maneira mais específica, a sociedade civil é "o conjunto de organismos designados vulgarmente como 'privados' [...] formada pelas organizações responsáveis tanto pela elaboração quanto pela difusão das ideologias, compreendendo assim o sistema escolar, as igrejas, os sindicatos, os partidos políticos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (que se dá pelos jornais, revistas, editoras, meios de comunicação de massa), etc. Em suma, os ditos "aparelhos privados de hegemonia.""

(Gramsci *apud* RAMOS, 2005)

Dois dos principais conceitos de análise de Gramsci são:

- Hegemonia (consenso, por imposição).
- Ideologia (interesse de grupos, mas que dão sentido à realidade).

Portanto, ao pensar a sociedade civil, o autor pode evidenciar como o Estado de classe cria não só produção e reprodução do trabalho, mas, sobretudo materialidade, que permite que os sistemas de exploração e dominação das classes burguesas se perpetuem.

Encerramos este tema retomando a reflexão inicial sobre as matrizes teóricas que formaram o campo e o conceito de sociedade civil.

Qual a importância dessa compreensão?

Perceber como os pensadores discutiram e pensaram o conceito ao longo do tempo é também perceber como, em cada momento histórico, a sociedade foi analisada e pensada por determinados grupos.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Nota
Isso é o que chamamos de **campo "epistemológico"** da Ciência Social — a discussão que cria e destrói os paradigmas e dão (ou não) espaço a novas ideias.

Além disso, entender o que significa sociedade civil é primordial para as discussões que embasam as classes sociais, porque é no seio da sociedade civil que são forjados os movimentos sociais, instituições, associações, entidades, comunidades etc. Como mencionamos inicialmente, são os grupos que tensionam a política para reivindicar espaços de representatividade e poder.

Assim, podemos dizer: nós somos a sociedade civil! Isso porque participamos dela como cidadãos.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Tema 2

Classe social em Marx

Qual o significado de classe social para Karl Marx?

Neste tema, compreenderemos o conceito de **classe social** a partir das teorias desenvolvidas por Karl Marx. Vale pontuar que, em suas obras, as contribuições de Friedrich Engels foram fundamentais, de forma que os dois autores compartilham diversos pensamentos intelectuais e instrumentos metodológicos de análises para explicar a realidade. Eles enfatizaram principalmente o viés econômico e as contradições sociais que se estabeleceram dentro da sociedade capitalista.

Vídeo

Para saber mais, assista ao vídeo publicado na unidade da disciplina no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

O que significa classe social para Marx?

A resposta para nossa pergunta inicial está diluída em diversos livros, dentre os quais destacamos os seguintes:

- O capital (1867).
- Manifesto Comunista (1848).
- 18 de Brumário (1852).

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Importante!
Daí podemos entender que compreender o conceito de classes, em Marx, é considerar que não se trata se algo explícito ou definido, mas ontológico, em sua obra como um todo.

É importante ressaltar que o conceito de **classe** não foi originalmente formulado por Marx, mas apropriado por ele, para tecer suas análises. Segundo Ronald H. Chilcote (1995), a origem do conceito antecede a obra de Marx, em escritos do filósofo e economista francês Saint Simon (1760-1825). Porém, foi a partir das teorias de classes formuladas por Karl Marx e Max Weber que o conceito ganha escopo como categoria de análise social.

As teorias dos dois pensadores apresentam alguns contrastes, que destacamos no trecho a seguir:

"Primeiro, entre posição social e ação social: "Marx conceitua classe como uma estrutura objetiva de posições sociais, enquanto a análise de classe de Weber é construída na forma de uma teoria da ação social". Segundo, entre perspectivas uni e multidimensional: "Marx sustenta uma concepção unidimensional de estratificação e divisão social, em que relações de classe são predominantes, ao passo que Weber sustenta uma visão multidimensional na qual relações de classe cruzam com e são frequentemente excedidas em importância por outras (não classistas) bases de associação, notadamente status e partidos". Terceiro, a ênfase em exploração versus dominação: "na teoria marxista, a lógica essencial das relações de classe e do conflito de classe a exploração, e a dominação política e ideológica é interpretada meramente como um meio pelo qual a exploração é assegurada; já em Weber a dominação é concebida como um fim em si mesma, com sua própria força e lógica independente". Quarto, produção e mercado: "para Marx, classes são uma expressão de relações sociais de produção, enquanto Weber conceitua classes como posições comuns dentro do mercado.""

(BURRIS apud CHILCOTE, 1995, p. 87)

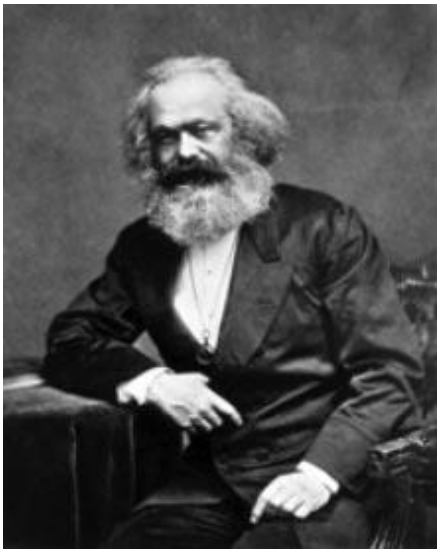
Como podemos perceber, o conceito de classe pode ser polissêmico, o que significa que pode demonstrar diversas interpretações.

A seguir, sistematizamos um resumo da perspectiva de cada um dos autores no que diz respeito a seus entendimentos acerca do conceito de classe.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

CLASSE	
Weber	Acredita que seria possível um tipo de “alocação” da classe trabalhadora inserida no sistema capitalista, conforme o mercado se modifica.
Marx	Entende a categoria de luta e conflito entre as classes como sendo estrutural, pois a condição de dominação e exploração da classe burguesa sobre a classe trabalhadora é historicamente constituída como um fator de permanência. Embora os meios de produção se modifiquem, uma classe, como detentora desse meio, sempre vai precisar explorar outra para se manter.

Neste tema, nosso foco é o conceito de classe desenvolvido por Karl Marx, por compreendermos que é neste autor que podemos perceber melhor as contradições sociais que levam à desigualdade, mas também porque sua abordagem move a sociedade em busca de transformar a realidade.



Karl Marx.

Marxismo histórico dialético

Marx elaborou vários escritos sobre diversos períodos históricos para desenvolver suas teorias a respeito das classes sociais. Suas análises partiram do método criado por ele e Engels, chamado de “materialismo histórico dialético”, que pressupõe analisar a realidade considerando os contextos históricos, em cada tempo.

Nas palavras de Marx, “Toda a História humana até aqui é a História da luta de classes”.

O materialismo histórico apresenta uma análise social que considera os fatores econômicos o ponto de partida para a compreensão da **materialidade** como construção do próprio ser e de suas relações produtivas e reprodutivas dentro da

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

sociedade. A luta de classes é compreendida como o motor, ou seja, aquilo que impulsiona a História.

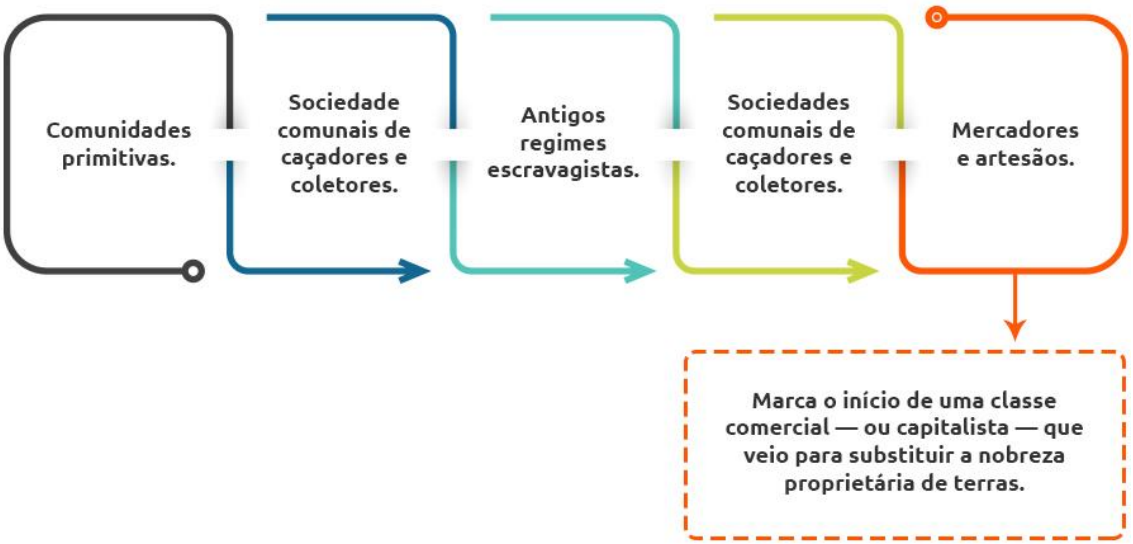
Saiba mais

Materialidade

Materialidade está relacionada ao conceito de materialismo e ao método do materialismo dialético, que pressupõe que *o mundo é, pela sua natureza, material; de que os múltiplos e variados fenômenos do mundo representam diferentes aspectos da matéria em movimento*.

Leitura
Para aprofundar seus conhecimentos acerca deste tema, acesse **A Materialidade do Mundo e as Leis de Seu Desenvolvimento**.

Para chegar a esta compreensão, Marx destacou a progressão dos estágios históricos considerando os estágios sistematizados na imagem a seguir:



A obra de Marx está localizada, principalmente, no contexto histórico da formação da classe operária e da consolidação da Revolução Industrial dentro do sistema capitalista, que testemunhou o crescimento das fábricas e da produção industrial — e os resultados de desigualdades causadas pelo acúmulo do capital centrado nas mãos da burguesia. O interesse no movimento trabalhista europeu e nas ideias socialistas refletiu-se em seus escritos, sendo a maior parte do seu trabalho concentrada em temas econômicos, ainda que não estejam desvinculados das instituições, de modo que sua obra é considerada rica em percepções sociológicas.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Marx e classe

Para compreendermos o conceito de classe na abordagem de Karl Marx, observe o trecho a seguir:

"Marx frequentemente referiu-se a classe em um sentido popular, como um grupo de pessoas partilhando de certas características, como renda. Assim, algumas vezes ele mencionou a classe industrial, ou as classes ideológicas, ou as classes improdutivas. Todavia, ele diferenciou classes com relação ao desenvolvimento histórico das forças de produção e ao aparecimento de um produto excedente além das necessidades dos trabalhadores ou produtores diretos, de forma que a classe dominante pode ser claramente diferenciada da classe trabalhadora em termos de relações de produção. Classe, portanto, é compreensível à luz de um modo de produção dominante na sociedade."

(CHILCOTE, 1995, p. 95)

Desse modo, temos que a ideia central de classes está na formação da sociedade capitalista industrial.

O capitalismo pode ser compreendido como um sistema de produção que contrasta radicalmente com os sistemas econômicos anteriores historicamente, pois envolve a produção de mercadorias e de serviços para uma ampla faixa de consumidores.

Marx identificava dois elementos principais dentro das empresas capitalistas, que são:

- O capital.
- A mão de obra assalariada.

Capital

O capital se refere a qualquer bem — incluindo dinheiro, maquinários ou mesmo fábricas — que possa ser usado ou investido (acumulado) para produzir bens e futuros.

Mão de obra assalariada

A mão de obra assalariada se refere ao conjunto de trabalhadores que não são donos de seus meios de sobrevivência, mas precisam encontrar emprego fornecido pelos detentores do capital.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Classe dominante x proletariado

Marx acredita que aqueles que detêm o capital — “os capitalistas” — formam a classe dominante, enquanto a massa da população constituiu a classe trabalhadora ou classe operária.

Como a industrialização se espalhava, um grande número de camponeses, que antes se sustentavam trabalhando na terra, foi forçado a mudar-se para as cidades, que cresciam, contribuindo para a formação de uma classe operária industrial urbana. Essa classe também foi aferida como proletários.

Influências das teorias marxistas nas ciências humanas

As teorias marxistas influenciaram e influenciam diversas pesquisas em áreas distintas, em universidades nacionais e internacionais — os debates suscitados por Marx tornaram-se um paradigma no campo epistemológico das ciências humanas. Seus estudos se desdobraram em diversas teorias e análises surgidas no século XX, como as apresentadas por Antônio Gramsci, a respeito da hegemonia e ideologia das classes dominantes, os aparatos do Estado como sustentáculos dos interesses burgueses, entre outros aspectos.

É importante citar, também, a famosa **Escola de Frankfurt** da Alemanha, conhecida por desenvolver a chamada teoria crítica do conhecimento, que debate com o marxismo, não para desqualificá-lo, mas utilizando-o à luz das mudanças ocorridas nos finais do século XIX e início do XX.

Saiba mais

Escola de Frankfurt

A escola de Frankfurt, associada à Universidade de Frankfurt (Alemanha), foi um movimento filosófico que propôs a teoria crítica do conhecimento, buscando entender, entre outras coisas, os motivos da não superação do sistema capitalista, da frustração das expectativas sobre o potencial revolucionário do proletariado.

Cientistas sociais importantes como **Pierre Bourdieu**, **Althusser**, **Gorender**, **Florestan Fernandes**, entre outros, fizeram suas pesquisas embasadas na corrente marxista. Historiadores como **Eric Hobsbawm**, **E.P. Thompson**, **Raymond Willians**, entre outros, também tiveram suas obras influenciadas pelos estudos de Karl Marx.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Saiba mais

- **Pierre Félix Bourdieu** (1930-2002) foi um sociólogo francês.
- **Louis Althusser** (1918-1980) foi um filósofo do Marxismo Estrutural de origem Francesa nascido na Argélia.
  Jacob Gorender (1923-2013) foi um historiador e cientista social brasileiro.
- **Florestan Fernandes** (1920-1995) foi um sociólogo, patrono da sociologia brasileira.

Para compreender a influência de Karl Marx:

- Na sociologia estruturalista de Pierre Bourdieu e Louis Althusser, acesse **Discurso e ideologia: reflexões no campo do Marxismo estrutural.**
- Na obra do historiador Eric Hobsbawn, acesse o **Manifesto para a renovação da história.**
- Na obra de E.P. Thompson e Raymond Willians, acesse **O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação das ideias de materialismo cultural e experiência.**

Neste tema, compreendemos como Karl Marx pensou as classes sociais em sua relação com a sociedade capitalista. Buscamos demonstrar que o método de análise denominado materialismo histórico dialético foi a base para o desenvolvimento da teoria ligada às classes sociais. Para Marx, é por meio da compreensão da divisão do trabalho em diversos períodos históricos — e das tensões geradas entre classes em oposição — que se produz a materialidade, que é parte do próprio sujeito e o que ele produz.

Porém, voltamos a apontar que a ideia de classes em Marx permeia diversas obras. Portanto, se trata de compreender o conceito em contextos diferentes, mas que preservam o entendimento de sujeitos que dividem uma mesma condição do social, seja como detentor dos meios de produção ou como proletário.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Tema 3

A formação da classe operária

Quais as contribuições teóricas de E. P. Thompson para o entendimento da formação da classe operária?

Com o entendimento acerca dos conceitos de sociedade civil e classe social, partiremos para a ramificação do nosso debate. Dando sequência ao nosso estudo, nossas atenções estarão voltadas para o tema formação da classe operária. Para essa abordagem, recorreremos à grande referência no assunto: o historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993).

Afinal, quem foi Thompson e por qual motivo o consideramos uma grande referência?

E. P Thompson, em comício no ano de 1980.
Fonte: Wikimedia (2022).

Trata-se de um historiador inglês, nascido em Oxford, no ano de 1924, com uma trajetória de atuação bastante plural, considerando-se que foi reconhecido em seu ativismo político, por ter sido um dos idealizadores da New Left (Nova Esquerda). Ficou conhecido como professor universitário e na educação para adultos de origem trabalhadora.

O autor publicou diversos livros que ganharam traduções no mundo todo, inclusive vários trabalhos seus foram traduzidos para o português do Brasil. Das publicações nacionais, destacamos a seguir os mais relevantes na comunidade acadêmica brasileira:

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

A miséria da teoria, Costumes em Comum.	*Senhores e caçadores.*	*A Formação da Classe Operária inglesa.*

A obra **A formação da Classe Operária Inglesa**, como o título sugere, é um trabalho fundamental para a discussão desta aula. Por outro lado, é bom salientar que tal temática não é exclusiva desse livro, pois vai perpassar diversos escritos do Thompson, em especial **A miséria da teoria e Costumes em comum**.

Leitura
Para aprofundar os seus conhecimentos acerca deste tema, acesse: ***Por que Thompson?***

Como podemos perceber, era significativa a dedicação do autor inglês à problemática da formação da classe operária. Por outro lado, sabemos que boa receptividade à abordagem thompsoniana está além da extensão de suas pesquisas, visto que, em grande medida, foi a originalidade de sua metodologia que lhe valeu destaque historiográfico.

Sabendo disso, compartilhamos a seguinte indagação:

O que o historiador inglês E. P. Thompson produziu de tão novo para o debate?

Como resposta a essa pergunta, observe o trecho a seguir, extraído do artigo ***Teoria de Classe***, escrito por Ronald Chilcote, comentador dos estudos de Thompson:

" Thompson (1968) argumenta [...] que a história pode ser resgatada por "baixo", pelo enfoque da consciência de classe, da criatividade e da iniciativa da massa. Examina aspectos subjetivos da classe e, nesse processo, volta-se contra interpretações estruturais e deformações teóricas e práticas que percorrem a história. Ellen Meiksins Wood [...] acredita que Thompson ressuscitou o conceito de classe e usou contra cientistas sociais burgueses, que negam seu uso como relação e processo."

(CHILCOTE, 1995, p. 88)

Ao lançar nos olhares e interpretações às pesquisas de Karl Marx e propor uma história vista de baixo, Thompson, no conjunto de sua obra, critica a produção de um marxismo vulgar, assim como coloca em questão as noções de **infraestrutura e superestrutura** do marxismo tradicional, propondo que a constituição da classe operária se dê em um processo histórico alicerçado em experiências sociais atravessadas por costumes e culturas.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Saiba mais

Infraestrutura e superestrutura

Na tradição marxista, foi-se difundindo que a sociedade poderia ser entendida a partir da relação entre infraestrutura e superestrutura, sendo:

- A infraestrutura é constituída pelas relações/tensões entre forças de produção (trabalhadores e trabalhadoras, meios de produção etc.).
- A superestrutura seria forjada no seio da sociedade, com o intuito de atenuar as lutas de classes, favorecendo os grupos dominantes. Nesse sentido, o Estado, a ideologia, meios de comunicação etc.).

Seu argumento em torno da importância da experiência social foi desenvolvido, principalmente, a partir do estudo dos ingleses nos séculos XVIII e XIX. Com isso, não foi uma grande referência acerca dessa temática somente, pois sua tese de que a classe operária se constituiu no "autofazer-se" ou, simplesmente, no "fazer-se, também influenciou muitos estudos em todo o mundo.

Para ilustrar esse princípio, apresentamos o seguinte trecho extraído do primeiro parágrafo de **A Formação da Classe Operária inglesa**:

"A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se."

(THOMPSON, I, 1987, p. 9)

Nota
A citação apresentada concretiza a assertividade de sua defesa de que a classe operária se constitui na experiência e por **historicidade**.

Outro ponto importante para o autor é destacar que o singular "classe" é o mais adequado para denominar esse grupo. Veja, no trecho a seguir, sua defesa para essa afirmação.

" [...] "Classes trabalhadoras" é um termo descritivo, tão esclarecedor quanto evasivo. Reúne vagamente um amontoado de fenômenos descontínuos. Ali estavam alfaiates e acolá artesãos, e juntos constituem classes trabalhadores. Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico."

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Com este fragmento de texto começamos a entrar em contato com a singularidade da teoria thompsoniana em torno da noção de classe, exatamente naquela que conferimos nesta aula, a partir de Chilcote.

Agora, entenderemos o argumento central que evidencia os elementos da constatação de Thompson sobre a formação da classe operária.

Leia o trecho a seguir:

"A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram — ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma lei. A consciência surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma."

(THOMPSON, I, 1987, 10)

Dessa maneira, mais do que produto direto do capitalismo e da industrialização, a classe operária se fez por meio de uma experiência determinada, a partir de uma **consciência de classe** diante dessa experiência. Justamente por reconhecer a consciência de classe como o modo como os sujeitos lidam com suas experiências a partir de costumes e culturas, é que essa consciência se dá historicamente e em variações a depender da época e lugar.

Por essa razão, Thompson rejeitava a ideia de alienação. Leia o trecho a seguir e entenda sua defesa para esta afirmação:

"Existe atualmente uma tentação generalizada em se supor que a classe é uma coisa. Não era esse o significado em Marx, em seus escritos históricos, mas o erro deturpa muitos textos "marxistas" contemporâneos. "Ela", a classe operária, é tomada como tendo uma existência real, capaz de ser definida quase matematicamente – uma quantidade de homens que se encontra numa certa proporção com os meios de

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

produção. Uma vez isso assumido, torna-se impossível deduzir a consciência de classe que “ela” deveria ter (mas raramente tem), se estivesse adequadamente consciente de sua própria posição e interesses reais. Há uma superestrutura cultural, por onde esse reconhecimento desponta sob formas ineficazes. Essas “defasagens” e distorções culturais constituem um incômodo, de modo que é mais fácil passar para alguma teoria substantiva: o partido, a seita ou o teórico que desvenda a consciência de classe, não como ela é, mas como deveria ser.”

(THOMPSON, I, 1987, p. 12)

Como podemos verificar, Thompson critica as apropriações distorcidas acerca dos escritos históricos de Marx, em especial em torno da expectativa de qual consciência de classe a classe deveria ter. A impossibilidade da exigência de um tipo certo de consciência consiste no fato de que a classe se faz em relação e historicamente, ou seja, é na experiência com o outro e em dadas contingências sociais que os sujeitos reconhecem demandas em comum e vão se fazendo classe, vão constituindo uma consciência dessa demanda e força coletiva. Por isso, Thompson argumentou:

“Se lembrarmos que a classe é uma relação, e não uma coisa, não podemos pensar dessa maneira. “Ela” não existe, nem para ter um interesse ou uma consciência ideal, nem para se estender como um paciente na mesa de operações de ajuste. Tampouco podemos inverter as questões, tal como fez uma autoridade no assunto [...]
[...] se detemos a história num determinado ponto, não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequando de mudanças sociais observaremos padrões em suas relações, suas ideias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição.”

(Nome)

No caso brasileiro, alguns estudos se valem da teoria de Thompson para pensar a relação dos trabalhadores com as políticas trabalhistas de Vargas, já que muitos acusam de alienados os trabalhadores e trabalhadoras que o elegeram na década de 1950, sem considerar a experiência social que os/as levou a tal decisão.

Feitas essas considerações, de modo geral, sobre noções thompsonianas em torno dos conceitos de experiência, classe operária e consciência de classe, convém mencionarmos que **A Formação da Classe Operária inglesa** foi lançado em 1963, quando Thompson tinha 39 anos. O livro impressionou a comunidade acadêmica com seus argumentos. Tal reconhecimento não era necessariamente esperado, considerando-se que se tratava de um livro voltado para a comunidade leitora em geral e não para o público acadêmico em específico.

No prefácio do livro, Thompson registra sua intenção, como podemos ver a seguir:

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

"Este livro tem um título um tanto desajeitado, mas adequado ao seu propósito. Fazer-se, porque é um estudo sobre o processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionantes."

(THOMPSON, I, 1987, p. 9)

Considerando o título original em inglês, ***The making of the English working class***, faz mais sentido a classificação "título desajeitado", tendo em vista que, na tradução para o português, "ajeitou-se" a denominação. Ainda assim, a escolha de se traduzir por formação perdeu a força com que a versão em inglês expressa a tão clara ideia do fazer-se no próprio título, por meio do "the making".

Agora que aprendemos a respeito do grande impacto das produções de Thompson e de suas principais ideias, nos estudos das classes sociais, resta saber um pouco mais sobre a estrutura dessa obra com denominação quase homônima ao tema desta aula.

A Formação da Classe Operária inglesa foi organizada em três tomos, sendo eles:

1. A Árvore da Liberdade.
2. A Maldição de Adão.
3. A Força dos Trabalhadores.

Cada uma dessas partes foi apresentada pelo próprio autor da seguinte maneira:

"Na parte I, trato das tradições populares vigentes no século 18 que influenciaram a fundamental agitação jacobina dos anos de 1790. Na parte II, passo das influências subjetivas para as objetivas – as experiencias de grupos de trabalhadores durante a Revolução Industrial que me parecem de especial relevância. Tento também avaliar o caráter da nova disciplina industrial do trabalho e da posição, a esse respeito, da Igreja Metodista. Na Parte III, recolho a história do radicalismo plebeu, levando-a, através do luddismo, até a época heroica no final das Guerras Napoleônicas. Finalmente, discuto alguns aspectos da teoria política e da consciência de classe nos anos 1820 e 1830."

(THOMPSON, I, 1987, p. 12)

Para entendermos as razões que teriam levado Thompson a estabelecer esse recorte, ou seja, escolher esse grupo de sujeitos do final do século XVIII e começo do XIX, apresentamos o trecho de abertura da obra, que traz a seguinte afirmação:

"Nos anos entre 1780 e 1832 os trabalhadores ingleses em sua maioria vieram a sentir uma identidade de interesses entre si, e contra seus dirigentes e empregadores. Essa classe dirigente estava, ela própria, muito dividida, e de fato só conseguiu maior

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

coesão nesses mesmos anos porque certos antagonismos se dissolveram (ou se tornaram relativamente insignificantes) frente a uma classe operária insurgente. Portanto, a presença operária foi, em 1832, o fator mais significativo da vida política britânica."

(THOMPSON, I, 1987, p. 12)

Podemos notar que foi nas experiências vivenciadas no final do XVIII e começo do XIX que levaram o grupo de sujeitos, com seus costumes e culturas, a se fazerem a classe operária, ou seja, questão chave no desdobramento da teoria sobre o fazer-se classe.

Para finalizar, destacamos aqui a relevância que, embora seja um autor de impacto no campo historiográfico, não significa dizer que ele seja unanimidade. Ao contrário, segundo o já mencionado Chilcote, Thompson foi acusado de subjetivismo e voluntarismo por críticos como Perry Anderson (p. 88). Por outro lado, mesmo entre seus adeptos, pesquisadoras e pesquisadores em estudos contemporâneos têm buscado ampliar a abrangência das noções thompsonianas de formação da classe operária ao pensá-la à luz das questões identitárias ou de debates decoloniais.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Encerramento

Como o conhecimento do campo teórico permite compreender o conceito de sociedade civil?

A partir dos pensadores apresentados é possível perceber como a sociedade civil foi pensada em cada época. Compreender o campo teórico que discute o conceito é parte do método sociológico de percepção da realidade.

Qual o significado de classe social para Karl Marx?

Marx conceitua classe como uma estrutura objetiva de posições sociais. Para o pensador, as classes sociais se dão em uma relação de lutas entre a exploração e a dominação dos detentores dos modos de produção (o capitalista) e as classes proletária (os trabalhadores).

Quais as contribuições teóricas de E.P. Thompson para o entendimento da formação da classe operária?

Thompson inova na abordagem do tema ao lançar olhares e interpretações às pesquisas de Karl Marx. Propõe que a constituição da classe operária se deu em um processo histórico alicerçado em experiências sociais atravessadas pelo costume e pela cultura, a partir da consciência de classe e iniciativa das massas.

Resumo da Unidade

Nesta unidade foram apresentadas perspectivas teóricas a fim de permitir ao discente a formulação de ideias conceituais a respeito da sociedade civil, classes sociais e da classe operária. A partir dos autores e assuntos apresentados nesta aula buscou-se delinear uma trajetória considerando-se a sociedade civil, o espaço social em que os sujeitos participantes de uma classe social, como a operária, atuam em busca de direitos e melhores condições de vida, valorizando suas experiências a partir da tomada de consciência social para a transformação da realidade.

Referências da Unidade

- BALESTRIN, L.; LOSEKANN, C. Abertura do conceito de sociedade civil: desencaixes, diálogos e contribuições teóricas a partir do sul Global. **Colombia**

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.

Internacional 78, maio a agosto de 2013, 236 pp. ISSN: 01215612, p. 181-210.

- CHILCOTE, R. H. Teoria de Classe. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 39, 1° semestre 1995, pp. 85-101.
- RAMOS, L. C. S. O conceito de Sociedade Civil. *In:* **A sociedade civil em tempos de globalização:** uma perspectiva neogramsciana. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio, 2005.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. Vol. 1.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TIRIBA, L. (2014). Por que Thompson? **Revista Trabalho Necessário**, 12(18). Rio de Janeiro, 2014.

Para aprofundar e aprimorar os seus conhecimentos sobre os assuntos abordados nessa unidade, não deixe de consultar as **referências** bibliográficas **básicas e complementares** disponíveis no **plano de ensino** publicado na página inicial da disciplina.

Todos os materiais didáticos apresentados nesta plataforma são protegidos por direitos autorais de propriedade da Universidade Veiga de Almeida e do Centro Universitário Jorge Amado. Qualquer uso não autorizado, reprodução ou distribuição (incluindo o upload para sites) são estritamente proibidos e sujeitos às penalidades legais aplicáveis. Todos os direitos são reservados à UVA & Unijorge.